

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 de Maio de 2021

OS MARES DA EUROPA

LES HOMMES DE LA BALEINE / 1958

Um filme de Mario Ruspoli

Texto do comentário: Jacopo Berenizi / *Imagem (16 mm cor):* Jacques Soulaire e Mario Ruspoli / *Música tradicional dos Açores recolhida por:* Gilbert Rouget / *Montagem:* Henri Colpi e Jasmine Chasney / *Com a presença de habitantes da Ilha do Pico.*

Produção: Argos Films (Paris) e Filma Armorial (Paris) / *Cópia:* DCP, locação em inglês, falado em português, legendado eletronicamente em português, *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* Paris (cinema Bonaparte), Novembro de 1958, em complemento de **Lettre de Sibérie**, de Chris Marker / *Estreia em Portugal:* data não identificada. / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de Dezembro de 1990, no âmbito do ciclo "Homenagem a Anatole Dauman".

Les Hommes de la Baleine é apresentado com **Balaou**, de Gonçalo Tochas ("folha" distribuída em separado).

Num bom documentário, a matéria e a maneira contam pelo menos tanto uma quanto a outra.

Eric Rohmer,
num artigo de Novembro de 1958
sobre **Les Hommes de la Baleine**

Mario Ruspoli (1925-86) foi um dos nomes importantes do moderno documentário europeu, mas permanece quase desconhecido do público em geral, sem ter nunca sido esquecido pelos apreciadores do género. Nascido numa família da aristocracia romana, Ruspoli viveu quase toda a vida em Paris, de cujo movimento intelectual participou e onde foi próximo da Cinemateca Francesa e companheiro de viagem de Jean Rouch e Chris Marker. Profundamente culto, Ruspoli participou a fundo da aventura do *cinema direto* (brevemente chamado *cinema verdade*), ou seja, o documentário feito sem função didática ou propagandística e aproveitando-se das novas técnicas de gravação de imagem e som, cujos exemplos mais importantes surgiram em França, no Canadá francófono e nos Estados Unidos. Os dois filmes mais importantes de Ruspoli mostram-nos duas vertentes diferentes do seu trabalho. **Les Hommes de la Baleine**, feito a cor, é estruturado sobre um comentário em *off*, com algum teor literário, em contraponto às imagens. A outra obra realmente marcante de Ruspoli, **Regards sur la Folie**, filmado a preto e branco, é verdadeiramente um filme de *cinema direto* e talvez o primeiro filme a não abordar a loucura como uma doença, coisa que só um intelectual poderia fazer.

No seu livro *L'Aventure du Cinema Direct*, de 1974 (uma obra importante, embora discutível, na medida que muitas banalidades são ditas num tom peremptório), Gilles Marsolais assinala a importância "da contribuição de Ruspoli para a conceptualização do cinema direto". É precisamente o grau de conceptualização que diferencia um documentário de uma reportagem, uma distinção particularmente importante numa obra como **Les Hommes de la Baleine**, que começou por ser uma simples reportagem e foi posteriormente transformada num documentário: ou seja, recebeu uma estrutura, em duas partes narrativas e duas camadas estruturais. O dispositivo formal é típico do período (embora a expressão *dispositivo formal* ainda não fosse usada nos anos 50), quando a captação do som direto era impossível, devido ao peso e ao volume do material técnico. Por conseguinte, há um jogo, um contraponto e um diálogo

permanentes entre as imagens e o comentário. Ambos poderiam existir de modo independente, de tal modo são de alta qualidade, de tal modo as imagens respeitam os homens que são filmados e são organizadas com consciência formal, de tal modo o comentário mistura informação necessária e alusões literárias, comparando a pesca à baleia (mas exatamente ao cachalote) a um desporto (uma tourada), sem nunca se esquecer que para aqueles homens trata-se de um trabalho. Apesar das lembranças de Prévert (o poema cómico **La Pêche à la Baleine**), da Bíblia (Jonas) e de Herman Melville (**Moby Dick**) é a consciência de que esta pesca é antes de mais nada um trabalho (o que é a prova mais cabal do respeito profundo que o aristocrata intelectual que é Ruspoli tem pelos rudes pescadores que filma), que faz com que Ruspoli adote para o seu filme uma ordem narrativa inversa à que teria adotado um cineasta medíocre, um rele caçador de imagens, de *travelogues*. Numa recusa consciente do espetacular, em vez da pesca vemos primeiro o trabalho de esquartejar a baleia, inclusive com informações sobre o uso comercial da carne, do óleo e do âmbar. É só depois que o espectador percebe que Ruspoli, com notável sentido narrativo (a montagem é de Henri Colpi, um dos grandes montadores franceses da sua geração) nos leva lentamente rumo à pesca, ao combate, passando primeiro por um olhar mais próximo sobre os “homens da baleia” e as suas famílias: a espera do sinal de que há uma baleia à vista (“*vigília de armas*”, diz o comentário), a preparação do material, a canção em homenagem ao companheiro morto e a partida: uns sozinhos, outros com toda a família, quando numa “*numa síntese bíblica, Jonas parte para a Terra Prometida na Arca de Noé*”. É só então que chegamos à pesca propriamente dita, sempre do ponto de vista dos pescadores. Como bem observou Eric Rohmer, nesta sequência da pesca, filmada com audácia e montada com grande inteligência, “*somos de tal forma precipitados no âmago do perigo que por vezes tememos menos pela vida dos personagens do que, se posso dizer, pela nossa*”, porque “*o suspense, que é a regra nos filmes de ficção, é substituído por um sentimento de insegurança, marcado pela própria instabilidade da câmara e pelas suas súbitas desquadragens, quando o animal avança sobre a frágil embarcação*”. Filmada com total recusa do espetacular, do efeito especial, esta sequência impressiona tanto por aquilo que vemos quanto pela maneira como nos é mostrado, pois como todo grande cineasta Mario Ruspoli sabe que o *como* é mais importante do que o *quê*. A aventura imediata de filmar em direto uma pesca ao cachalote com técnicas do século XVIII se une à solidez conceptual do trabalho do realizador. E no plano final, com o gigantesco cadáver do cachalote a flutuar, aquilo que vemos e a consciência do que vemos volta no comentário: “*As grandes ilhas mortas vão à deriva, marcadas pela bandeira negra dos homens da baleia, que acabaram de fazer, diante dos vossos olhos, o seu ofício*”. Tal como Mario Ruspoli, mestre do seu ofício, no magnífico filme que é **Les Hommes de la Baleine**.

Antonio Rodrigues